

CIDADE D'OURO



DO BRAZIL.

Terça feira 14 de Março.

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

Sa e Miranda.

BAHIA.

EM hum Jornal de *Paris* lemos com muita satisfação o artigo seguinte, o qual nos parece não só muito racionavel, como ao mesmo tempo muito instructivo sobre as actuaes relações da França com a *Gran-Bretanha*:

FRANÇA.

Da Inglaterra, e suas relações com a França: (Artigo de hum Jornal de Paris de 13 de Novembro de 1814.

Ha longo tempo que algumas preocupações nacionaes, e a rivalidade annexa a huma quasi igual distribuição de luzes e talentos, trazem a França e a Inglaterra divididas; com tudo, antes da Revolução combatia-se estas duas nações poderosas, e illustres, com armas dignas dellas, e ainda mesmo no meio de suas desavenças, se estimavaõ e se tratavaõ com reciproca attenção: estava guardado para os nossos revolucionarios o conculcar esta mutua cõrtezia, e substituir calumniosas declamações, e grosseiras invectivas, áquella nobre e decorosa linguagem, adoptada por todas as nações cultas. Quantas e quantas vezes se não disse e imprimio, que Pitt havia assalariado Marat, Robespierre, e outros facinorosos desta casta? Entretanto a Inglaterra tinha que recear a influencia dos demagogos mais que qualquer outro paiz: a tendencia do character nacional para idéas republicanas era maior alli que em outra qualquer parte; e dar-se-ha caso que o dono de huma Casa, a não o suppormos completamente doudo, porque ao pé della fica outra de hum inimigo seu, vá por se vingar delle, incendiar-lhe a casa, expondo assim a sua a ser abrazada pelo mesmo fogo? Similhante imputação não merecia por certo ser refutada seriamente; mas a pezar disso não deixaraõ de a repetir até se fartarem. As notas por Bonaparte inseridas nos periodicos officiaes do seu tempo quasi sempre eraõ rediculas diatribes contra os Soberanos que ousavaõ resistir-lhe, e sobretudo contra o Gabinete

Inglez, particularmente honrado com o seu odio; a prevençãõ nacional era huma das armas de que elle perfidamente se servia para palliar sua colossal ambiçãõ, e suas usurpações. Se reunia a *Hollanda* e as *Cidades Ansea-ticas* á *França*, se hia dethronar o Monarca seu mais fiel alliado, se se implicava em huma expedição longiqua não menos injusta do que louca, era sempre para segurar a independencia do Continente, e destruir a preponderancia maritima da *Inglaterra*. Entretanto a que se reduziaõ estes absurdos pretextos? Tinha acaso o Gabinete de *S. Jayme* tomado parte na primeira liga formada contra a *França*? Não: o attentado executado contra o virtuoso *Luiz XVI.* foi o primeiro e legitimo motivo que o instigou a manifestar publicamente a sua indignação contra nós. Pensava sem dúbida que a nação que infelizmente houvera dado o exemplo, devia, por huma solemne declaração, expressar o seu pezar, e o seu arrependimento. Foi portanto chamado o Embaixador que residia em *Paris*, e logo depois disso declarada a guerra. Não podia desde esse momento ser amigavel o comportamento do Governo Britannico; porém sempre foi consequente, e muitas vezes generoso; lutou, sobre tudo, com rara constancia contra os principios desorganizadores que ameaçavaõ a Europa e a sociedade; e resistio á desmarcada ambição de hum homem que queria subjugar o Mundo todo. Não foram os esforços deste Governo quem foi causa de a *Hespanha* ser livre da oppressão, e quem desta libertou o Continente? Não tenhamos receio de o dizer; os outros Soberanos tinhaõ-se curvado todos ante o inimigo commum; só a *Inglaterra* conservou inteira a sua dignidade, e os salvou. E que direi dos eternos titulos que grangeou ao nosso reconhecimento pela nobre hospitalidade concedida ao nosso Rei, á sua Augusta Familia, e aos nossos desgraçados compatriotas proscriptos na sua patria?

Se durante a tempestade revolucionaria, em quanto os Governos todos experimentavaõ perdas, só a *Inglaterra* augmentava o seu poder; pôde acaso reputar-se isto hum crime? Deixou ella por ventura perder alguma occasião de patentear o motivo que a dirigia? Jámais cessou de manifestar o desejo que tinha de que se restabelecesse o nosso legitimo Soberano. Não se mostrou ella em todas as negociações disposta sempre a restituções, para dar á Europa o seu antigo equilibrio? Na occasião do Tratado de *Paris*, como já tinha recuperado o que perdêra na *Alemanha*, não restava da sua parte senão restituir, e isso fez.

Entretanto, se dermos ouvidos a alguns politicos turbulentos, ou pouco instruidos, de que estaõ inçados os lugares publicos, e as mesmas casas particulares, e se formos a ajuizar por alguns folhetos insultos, não nos persuadiremos que estamos no anno de 1813? Renovaõ-se as declamações contra os *Inglezes* e contra o seu Governo com a mesma actividade que no tempo em que eraõ pagas. Ora com effeito, deste modo não se dá certamente aos nossos vizinhos a melhor idêa da nossa urbanidade; isto he violar em certo modo para com elles o bom termo que ella prescreve. Devemos nós por ventura esquecer-nos de que está entre elles e entre nós restabelecida a paz, e que ainda mesmo considerados só como estrangeiros tem jús áquella attenção que a hospitalidade prescreve? Deixemos similhante procedimento, e similhantes declamações áquelles que tendo saudades da passada escravidão, ainda as tem do homem que a estabeleceo, os quaes por conseguinte devem de aborrecer tudo aquillo que concorreo para o seu despenho. Porém

nós os *Francezes* livres e amantes de hum Rei que nos affiança a publica felicidade, devemos acaso imitar o seu exemplo?

Nós renunciámos (dizem algumas pessoas) a todas as nossas conquistas, e os *Inglezes* conserváraõ parte das suas. Mas ha nisso alguma paridade? Se elles não tinhaõ compensação alguma que obter, não devemos nós ficar satisfeitos com o que de boa vontade nos restituíraõ? Qual era a nossa situação quando entráraõ aqui as tropas alliadas? Mui depressa nos havemos esquecido della, e talvez nos fora util de vez em quando recordalla. O nosso Governo convertido em flagello, e alvo do odio de toda a Europa; as nossas conquistas, perdidas; parte do nosso territorio, e a Capital occupados pelo inimigo; foi nestas conjuncturas taõ funestas, que nós, entregues á discricião dos nossos vencedores, unicamente experimentamos huma generosidade a que nesse tempo tributámos taõ vivo e taõ sincero respeito. Estas penas recordaçõs em nada pôdem menoscabar a honra dos nossos guerreiros: não he o seu valor confessado pelos mesmos que contra elles combatteraõ, e não tem os nossos exercitos, senão excedido, ao menos igualado quanto a Historia nos refere mais memoravel? Podemos dizello com segurança; senão fora o geral descontentamento e o odio entranhado que só esperava momento favoravel para se declarar, jámais os Alliados houveraõ penetrado em *França*, jámais teriaõ entrado em *Paris*. Estranho e deploravel fado! As nossas victorias serviaõ de arregar a nossa escravidão e a nossa desventura; as nossas derrotas preparavaõ a nossa liberdade.

Embora chamem a isto Anglomania, não me admirarei disso; porém assemelha-se ella por ventura á que havia antes da Revolução? Que nós não imitemos os nossos vizinhos nas suas Modas e na sua Litteratura, muito embora: a nossa, superior a todas as Litteraturas modernas, fará para sempre o nosso braço. A elegancia das nossas maneiras, a lhanza, e amenidade da nossa vida social, o apurado gosto que distingue as nossas obras classicas, são vantagens que os *Inglezes* nos não pôdem com justiça disputar. Pelo menos seus iguaes no talento, não nos envergonhemos de que em outro sentido ficamos áquem delles. Admiremos nelles, e sobre tudo imitemos, aquelle espirito publico, aquelle patriotismo que tantas vezes os tem salvado nas perigosas lides que tem precisado manter. Debalde se quereria dissimular o que vou a dizer: predominado pelo egoismo e pela inconstancia, cada hum de nós refere tudo a si, e nenhum caso faz da utilidade geral; são inuteis as lições do passado, e taõ depressa nos esquecemos do mal como do bem. — Ora pois, saibamos apreciar a nossa situação; esperemos tudo do regresso de hum Rei cujas acções e pensamentos tendem á publica felicidade. Reunidos em torno do seu Solio, eda Carta que outorgou aos nossos desejos, não tenhamos saudade daquelle tempo que envolvia em luto todas as familias, nem de hum systema de engrandecimento, que, sem augmentar hum apice a nossa verdadeira ventura, nos fazia odiosos a todos os Povos. Praza ao Ceo que huma paz solida, e mutuos obsequios produzaõ o effeito, senão de destruir de todo, ao menos de attenuar as preoccupações nacionaes! E se ainda temos que lutar com os nossos vizinhos, seja unicamente em patrimonio e em generosidade.

Entrárão neste Porta as Embarcações seguintes.

Em 4. Da *Continguiaba*, a *Sumaca Vingança*, Mestre *Benedicto Francisco*

dos Santos 3 dias de viagem, carga açucar, e algodão. Dono Theodoro José da Silva.

Em dito. Do Rio Real a Sumaca Boa União, Mestre e Dono Vicente da Silva Ramos, 2 dias de viagem, carga farinha, milho, e açucar.

Em dito. Do Rio Real, a Sumaca S. José Ladeira, Mestre Manoel José Moreira, 2 dias de viagem, carga farinha, milho, e açucar. Dono Manoel José Ribeiro de Oliveira.

Em dito. De Amsterdão, o Navio Holandez Neptuney, Mestre B. J. Martins, 60 dias de viagem, carga varios effeitos. Consignado ao Sobre Carga.

Em 8. Do Porto Alegre, a Sumaca Nova Amizade, Mestre Antonio Luiz da Rocha Fraga, 41 dias de viagem, carga carne, cebo, trigo em grão, farinha e couros. Dono Francisco Gaetano de Souza Quadros.

Em dito. Do Rio Grande, o Bergantim Americano, Mestre João Hipolito da Fonseca, 41 dias de viagem, carga carne, cebo, e couros. Dono Manoel José dos Santos.

Em 9. Do Rio de Janeiro, a Sumaca Pilar, Mestre João Pinto Sampayo 34 dias de viagem, carga fazendas da Asia, e farinha de trigo. Dono Jeronimo Alves de Azevedo.

Em 11. Do Rio do Camarão, o Bergantim Scipião, Mestre André Pinto da Silveira, 49 dias de viagem, carga 248 captivos, morrerão 13. Dono João Teixeira de Oliveira.

Em dito Das Alugôas, a Sumaca Falção; Mestre Gabriel Araujo, 4 dias de viagem, carga açucar, e algodão. Dono Antonio Firmiano.

Embarcações que estão a sahir.

Para o Rio de Janeiro, a 15 a Escuna D. Thereza do Carmo, Mestre José Francisco do Espirito Santo. Dono Francisco Antonio Filgueiras.

Para o Rio Grande, a 17 a Sumaca Lusitana, Mestre José Domingues das Neves, Dono José Antonio de Siqueira Braga.

Para o Rio Grande a 20, o Bergantim Aviso, Mestre Jeronimo Teixeira, Dono João das Neves Silva e Azevedo.

Para o Rio Grande, a 20 o Bergantim Generoso, Mestre Christovão da Cunha Bettencourt. Dono Antonio Pereira Dultra.

A V I S O S.

Quem quizer comprar huma Venda, com todos os seus pertences sita na Quitanda nova de S. Bento, falle com Antonio José dos Santos, morador na mesma venda, o qual faz tamhem sciente, que elle está a ausentar-se para o Rio de Janeiro, quem tiver contas a arranjar com elle as queira apresentar dentro em 15 dias.

Vende-se huma propriedade de casas, sitas na rua dos Capitães N. 138 e huma roça na Barra N.º 44; quem quizer comprar, falle na Loja da Gazeta

No Armazem de Luiz Antonio da Costa e Silva, a S. Barbara, nas casas de João Teixeira de Oliveira, se vende prezunto de superior qualidade a 320 a libra.

Alexandre Gilfillan, tem para vender barricas de farinha Franceza, genebr em irasqueiras, e velas de cebo de Hollanda, quem quizer comprar dirija-se ao seu Escriptorio, no Caes da Cal, N.

Com Permissam do Governo.

BAHIA NA TYPOG. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA.